

DISCURSOS, NARRATIVAS E POEMAS QUILOMBOLAS DO TOCANTINS

SPEECHES, NARRATIVES AND QUILOMBOLAS POEMS FROM TOCANTINS

Léo Daniel da Conceição Silva¹

Luama Socio²

Resumo: Este relato tem o propósito de apresentar os processos e os resultados do projeto de extensão Discursos, Narrativas e Poemas Quilombolas do Tocantins, desenvolvido por pesquisadores do Curso de Letras da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), Câmpus Araguatins, durante o segundo semestre de 2019 e o ano de 2020. O projeto teve como objetivo escutar e registrar discursos, narrativas e poemas de caráter oral, em suporte escrito e audiovisual, de moradores do Quilombo Ilha de São Vicente, no rio Araguaia, município de Araguatins. O principal produto do projeto foi a criação do site *historiasdailha.com*, contendo a publicação dos textos coletados. A publicação dos textos no site foi determinada pela interação entre os contadores das histórias e a semidireção dos pesquisadores. O trabalho foi proposto a partir da necessidade de preservação dos saberes tradicionais, imateriais, constitutivos da identidade nacional, presentes no Tocantins. Nas histórias contadas pelos habitantes da Ilha sobressaem os signos da forte conexão entre os seres humanos e o seu lugar de pertencimento. Pela palavra, pela linguagem, o quilombo supera a limitação territorial da Ilha e comunica suas mensagens ao mundo.

Palavras-chave: Quilombo Ilha de São Vicente. Histórias da Ilha. Identidade tocantinense.

Abstract: This report has the purpose of presenting the processes and results of the extension project "Speeches, Narratives and Quilombolas from Tocantins", developed by researchers from the Letters course at the State University of Tocantins (UNITINS), campus Araguatins, during the second semester of 2019 and throughout 2020. The project aimed to promote the listening of speeches, narratives and poems by members of Quilombo Ilha de São Vicente, on the Araguaia River, municipality of Araguatins, aiming to register this oral literature in written and audiovisual support. The main product of the project was the creation of the *historiasdailha.com* website, containing the publication of the collected texts. The realization of the texts published on the website was determined by the interaction between the storytellers and the semi-direction of the researchers. The work arose from the need to preserve the traditional, immaterial knowledge that constitutes the national identity, present in Tocantins. In the stories told by the inhabitants of the Island, the signs of the strong connection between human beings and their place of belonging stand out. Through word, through language, the quilombo overcomes the island's territorial limitation and communicates its messages to the world.

Keywords: Quilombo São Vicente Island. Island stories. Tocantins identity.

1 Acadêmico do Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6498685678890219>. Orcid: 0000-0002-3867-0195. E-mail: leodanielsilva@gmail.com

2 Professora Doutora, docente do Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9753517040257731>. Orcid: 0000-0002-1837-2166. E-mail: luamasocio@gmail.com

Introdução

O Projeto intitulado *Discursos, Narrativas e Poemas Quilombolas do Tocantins* aconteceu durante o segundo semestre de 2019 e ao longo de 2020. O objetivo do projeto foi escutar discursos, narrativas e poemas de moradores do Quilombo Ilha de São Vicente, no rio Araguaia, município de Araguatins, além de registrar essa literatura de caráter oral em suporte escrito e audiovisual. A iniciativa se concretizou a partir da necessidade de preservação e divulgação das raízes identitárias da região do Bico do Papagaio, através de registro e divulgação dos saberes e artes imateriais representados pela literatura local.

Apesar de se estender ao longo de 2020, o principal objetivo do projeto foi atingido já no fim de 2019, com a publicação do site *historiasdailha.com*. Nele é possível ler e ouvir histórias contadas por quatro quilombolas nascidos entre as décadas de 1940 e 1950, além de uma quilombola da geração dos anos 1970 e três jovens nascidos nas décadas de 1990 e 2000. As histórias dos mais velhos refletem o modo de vida tradicional da comunidade e o discurso dos jovens revelam a realização de alguns anseios dos antigos na adoção de um modo de vida já urbanizado. O discurso da geração intermediária, representada pela líder da comunidade, Fátima Barros, é permeado pelo esforço de conscientização da condição quilombola através da disseminação dos conceitos relacionados à identidade quilombola inscritos constitucional e institucionalmente pelo Estado brasileiro. O estatuto oficial da categoria “quilombo”, como forma jurídica, é explicado da seguinte forma por Rosângela Lima Brasil:

Após muitos debates envolvendo profissionais e estudiosos de diversas áreas (principalmente do direito e da antropologia), o termo (Quilombo) passou a ser definido enquanto grupo étnico, entendido como unidade social com relações territoriais específicas, organizados em vida comunal, cujos membros compartilham sentimentos comuns de pertencimento e elegem - a partir de critérios internos - elementos capazes de diferenciar os membros do grupo dos não membros. Sua organização seria marcada pela apropriação e uso coletivo da terra e dos recursos disponíveis. (2017, p. 4)

Para compreender o projeto é necessário percorrer um pouco da história da região do Bico do Papagaio e observar como se deu o processo de início do Quilombo Ilha de São Vicente, que está localizado na segunda maior Ilha fluvial do Brasil. Uma de suas lideranças, Fátima Barros, explica que sua família habita o local desde 1865, quando seus bisavós foram levados para a região, na condição de escravos, por Vicente Bernardino, fundador da cidade de Araguatins: *e depois, quando em 1888 veio a abolição da escravidão, esse Vicente Bernardino designou oficialmente as terras da Ilha para as famílias Barros e Noronha, escravizados à época da fundação da cidade*. Mesmo havendo farta documentação sobre a legitimidade da ocupação do território da Ilha pelos quilombolas, desde datas remotas, a comunidade sofre ataques de agentes invasores de tempos em tempos. Apenas no dia 23 de setembro de 2019, é que a comunidade conseguiu uma decisão da Justiça Federal do Tocantins, garantindo a posse da terra às quarenta e oito famílias que aguardavam o julgamento do processo iniciado em 2010 contra um invasor das terras.

Nesse contexto, a dinamização entre os discursos, narrativas e poemas produzidos por membros da comunidade quilombola e o trabalho de registro, leitura e divulgação dessas estruturas literárias, realizadas pelos pesquisadores da Unitins constituiu-se tarefa fundamental para a ampliação da construção de um conhecimento cultural com a potencialidade de contribuir para os signos identitários das relações sociais, políticas e culturais no contexto do estado do Tocantins em conexão com todo o país.

Consideramos que os signos dos saberes de nossos ancestrais são imprescindíveis para a formação da noção de cultura e pertencimento nas mentes e corações das pessoas. A contraparte do mundo globalizado demanda a valorização dos elementos culturais regionais, locais, incluindo suas poéticas e práticas discursivas como riquezas singulares desse mesmo mundo globalizado, como nos explica Lucrécia D’Alessio Ferrara (1994, p. 49):

Se a lógica da globalização do imaginário se apoia na circulação da informação auxiliada

pelos recursos tecnológicos da eletrônica, o imaginário global deverá apoiar-se na produção da informação a partir de um horizonte de expectativas que projetam um quadro de referências múltiplo e multiplicado. (...) Na realidade, (no contexto da globalização) desconsidera-se a variedade territorial e a multiplicidade dos espaços, para admitir o engano de que todos os lugares são iguais, porque, em todos, se encontram as mesmas imagens que se espalham nos serviços e aparências dos espaços, notadamente urbanos. (...) É necessário que o cotidiano de todos os lugares seja capaz de produzir imagens (...), seja capaz de transformar a experiência do cotidiano em fonte de informação capaz de mudar comportamentos. Assim, às avessas, o território se globaliza, ou seja, substitui-se os globais comportamentos coletivos, pela percepção social e individual da globalidade.

Metodologia

O material registrado no site historiasdailha.com foi coletado através de entrevistas conversacionais, semidiretivas, centradas nas temáticas que foram se delineando durante o encontro entre os pesquisadores e os narradores quilombolas. Isso aconteceu sem o estabelecimento prévio de duração, de modo que propiciou uma atmosfera de confiança, possibilitando aos entrevistados se expressarem com o máximo de espontaneidade. Nesse contexto, a postura do pesquisador (ouvinte) foi a de mediador, de testemunha. Em seguida, em etapa posterior, esse ouvinte (pesquisador) tornou-se coadjuvante do processo de transposição da oralidade para a escrita e ferramenta audiovisual das histórias, discursos e poemas.

O intercâmbio entre a oralidade e a escrita é um processo antigo, a exemplo dos contos recolhidos e registrados por Charles Perrault, na França do século XVII, bem como dos irmãos Grimm que, no século XIX, pesquisaram a literatura oral com o objetivo de reafirmar a nacionalidade alemã. Esse foi um período fortemente marcado pela busca e valorização das tradições e costumes populares enquanto elementos representativos de identidade. Consideramos que algo parecido vem sendo realizado na contemporaneidade com o movimento de recomposição das tradições ameaçadas pela globalização uniformizante da cultura.

Além da evidente camada verbal escrita, foram realizadas captação e construção de textos audiovisuais e fotográficos. Todos os encontros com os quilombolas foram gravados em vídeo, editados e publicados no site para que o leitor tenha a oportunidade de ouvir as histórias sendo contadas pelos próprios quilombolas em sua forma oral, original. Além disso, as idas à Ilha de São Vicente deram oportunidade aos pesquisadores de realizarem registros fotográficos que foram utilizados na composição do site com o objetivo de apresentar um panorama visual do ambiente da Ilha aos leitores. Somou-se a esse trabalho a etapa de construção do *design* do site, o que equivaleria, em termos físicos, ao trabalho da edição de um livro. Além do site, houve também a produção de 100 exemplares “físicos” das Histórias da Ilha, construídos artesanalmente pela equipe, com a participação de vários acadêmicos do Curso de Letras. As unidades foram distribuídas principalmente entre os habitantes da Ilha, pesquisadores e professores com o objetivo de disseminação das histórias. Por fim, houve a etapa de divulgação do site para o público em geral, realizada pela equipe e por vários acadêmicos engajados no projeto, além da divulgação em meio acadêmico por meio de eventos como simpósios, seminários, oficinas e palestras.

As pesquisas de campo ocorreram no território quilombola Ilha de São Vicente e na cidade de Araguaia. A travessia do rio Araguaia para chegar até o Quilombo marca uma etapa importante no projeto. O percurso que dura em média vinte minutos apresenta uma beleza sem tamanho que nos faz refletir sobre inúmeras questões que contribuíram para a construção do projeto, já que o caminho entre a Ilha e a cidade é um espaço significativo como tema de várias histórias contadas pelos quilombolas.

A primeira visita ocorreu no dia 16 de agosto de 2019. O momento desse primeiro contato nos encheu de emoção. No cais, antes de iniciarmos a travessia, conhecemos a líder quilombola, Fátima Barros, e fomos introduzidos às suas histórias de luta. Nesse dia, também estavam presentes seu irmão Miguel e outras duas remanescentes do Quilombo, as jovens Uana e Elisana. Saímos às 10 da manhã em direção à Ilha e foi uma viagem tranquila de barco no rio Araguaia.

Ao longo do discurso de apresentação do Quilombo, a líder Fátima Barros salientou a conexão

identitária entre a cultura da Ilha e o estado do Tocantins:

Numa perspectiva mais ampla a identidade quilombola faz parte da identidade do país como um todo. De alguma forma, ao mesmo tempo que nossos ancestrais foram escravizados e os descendentes tiveram seus direitos negados, inclusive com o isolamento na Ilha, houve no quilombo o cultivo de uma riqueza surgida da própria cultura e das histórias de vida dentro deste território que é a Ilha de São Vicente, desse território que é Araguaínas, desse território que é o Bico do Papagaio, desse território que é o Tocantins. (...) O Estado do Tocantins tem apenas 30 anos de história, mas temos que lembrar que nós, povos e comunidades tradicionais do Brasil, e consequentemente do Bico do Papagaio, estamos no Estado antes do Estado ser Estado, e a história dos nossos povos, a história do nosso território não é uma história de 30 anos. O Cerrado brasileiro tem 40 mil anos e a história de nossos povos é de 40 mil anos. Não dá para procurar apenas folhas aonde existe raiz. E o nosso povo é raiz, nós somos raiz (HISTÓRIAS DA ILHA, 2019).

Depois desse primeiro contato seguiram-se mais cinco encontros no segundo semestre de 2019 e dois em 2020 com a equipe de pesquisadores formada pela professora Luama Socio, pelo acadêmico Léio Daniel da Conceição Silva e pelo colaborador externo Walter Antunes Fernandes Avelino. A realização dos trabalhos contou com a colaboração institucional de Victor Fernandes Borges e de mais seis acadêmicos. Os créditos com os nomes e as funções podem ser conferidos em maiores detalhes no site historiasdailha.com.

Esses foram os métodos utilizados, que proporcionaram momentos únicos de muito aprendizado, tais como as experiências de conversas com os mais velhos e jovens, a travessia do rio, o preparo para iniciar os trabalhos, o encontro com pessoas e a troca de informações que enriqueceram o projeto entre outras inúmeras experiências que foram se delineando no decorrer do trabalho.

Resultados e discussão

O projeto alcançou seus objetivos cujo principal resultado foi a publicação do site historiasdailha.com, que até Dezembro de 2020 foi acessado em torno de 3.000 vezes. Trata-se da publicação digital dos textos ouvidos e transcritos, consistindo num instrumento de amplo acesso aos saberes tradicionais quilombolas e divulgação de sua específica literatura, que se encontrava em nível de oralidade. No site podemos ler e assistir, ouvindo: cinco histórias por Virgílio Barros; cinco histórias por Maria Rita; quinze histórias por Pedro Barros; sete histórias por Fátima Barros; nove histórias por Miguel Barros, além das histórias contadas pelos jovens Uana, Elisana e Ericsson, que foram registradas no formato de vídeo.

O Quilombo Ilha de São Vicente, sendo um espaço geográfico isolado (pois trata-se de uma Ilha), apresenta preservação de vários conhecimentos práticos, saberes e sonhos, que se refletem na linguagem. Na fala de cada indivíduo aparecem signos dessas práticas específicas que são compartilhados por todos.

Os laços entre pais e filhos, irmãos e primos, constituem o forte território afetivo que enraíza as relações culturais. São através desses laços que se realizam o trabalho, a festa, a esperança e o próprio ser individual de cada uma das personalidades. (...) As principais figuras do trabalho são a pescaria e a agricultura pelos homens e os serviços domésticos e o “quebrar coco” pelas mulheres. O comércio aparece em decorrência dessas atividades. O trabalho é intrínseco à subsistência e ao ritmo da vida na Ilha e sua técnica é passada de pais para filhos; revela-se nas histórias sob tons emocionais que vão de uma certa amargura indicativa de sofrimento associada a um sentido de ausência de oportunidade de estudos, à alegria associada aos seus frutos e muitas vezes a aventuras. É interessante notar que a “pescaria” é considerada “descanso” em relação à atividade de agricultar, como vemos na história “Pescador”, contada por Virgílio Barros: *Gosto tanto de plantar quanto de pescar. Na hora que estou de folga vou pescar. Na hora que tem o serviço, paro a pescaria, vou trabalhar. Às vezes eu saio de casa e passo oito dias no rio, mariscando dia e noite* (SOCIO, 2020, p. 2813).

Embora de forma geral denominemos tais expressões poéticas de “histórias”, podemos observar

que, na verdade, essas histórias se expressam através de vários gêneros textuais. O leitor poderá constatar a ocorrência de poemas, causos, anedotas, narrativas autobiográficas e memórias, lendas, discursos de cunho político e receita culinária. Câmara Cascudo descreve a literatura oral como um fenômeno que geralmente passa despercebido dos críticos e teóricos literários, que tendem a valorizar a produção culta:

A Literatura Oral é como se não existisse. Ao lado daquele mundo de clássicos, românticos, naturalistas, independentes, digladiando-se, discutindo, cientes da atenção fixa do auditório, outra literatura, sem nome em sua antiguidade, viva e sonora, alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva, com seus gêneros, espécies, finalidades, vibração e movimento, continua, rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão e cachoeira no meio do mato (CASCUDO, 2012, p. 17).

Corroborando as imagens de Câmara Cascudo, que liga, metaforicamente, a literatura oral com as paisagens naturais, em sua explicação, observamos que as Histórias da Ilha apontam para um estilo de vida de forte conexão com a história da comunidade e com a natureza, como diz Fátima Barros no texto intitulado “Identidade”:

Minha família está aqui há mais de cento e quarenta anos. Nós temos todo um contexto histórico profundo. (...) A comunidade é como se sempre existisse. E ela existe antes do próprio território, porque acima de tudo a comunidade é África. É a nossa relação com a terra, com o universo, com o sagrado, com as plantas, com o rio, com o solo. A família Barros está aqui há séculos, e a gente se projeta nessa história. Temos uma relação de vida e morte, do antes e do depois, com o próprio Cerrado. E isso desafia a ideia da pretensa fragilidade da identidade do tocantinense (HISTÓRIAS DA ILHA, 2019, np).

Percebemos que a realidade quilombola evidencia em seu escopo elementos de alternativas e diversidades nos pensamentos sobre identidade num mundo cada vez mais uniformizado pela globalização. O leitor pode constatar que outra maneira de existir é possível, além do cotidiano da cultura urbana, tecnicizada, utilitarista, de consumo. E esse outro mundo que existe, alimenta nossas esperanças e sonhos, nos orientando para uma proximidade maior entre as pessoas em comunidade, com seus vínculos à terra, ao rio, às plantas e aos animais. Segundo Walter Ong: “Na realidade, as culturas orais produzem realizações verbais impressionantes e belas, de alto valor artístico e humano, que já não são sequer possíveis quando a escrita se apodera da psique” (1998, p. 23). Por meio desse projeto tais saberes e tal literatura quilombola tornaram-se texto de fácil acesso a todos.

Vale ressaltar que:

Consideramos que o Quilombo Ilha de São Vicente seja uma comunidade representativa da predominância da variedade oral da Língua Portuguesa em suas expressões tanto cotidianas, quanto poéticas, embora não seja uma comunidade que possamos classificar definitivamente como de “cultura oral primária” no sentido de não possuir contato com a variante escrita. No entanto, podemos observar que os textos produzidos pelos habitantes pertencentes às gerações das décadas de 1940 e 1950, reunidos nas Histórias da Ilha, têm características bastante condizentes com a seguinte afirmação de Walter Ong: “o pensamento prolongado, quando fundado na oralidade, até mesmo nos casos em que não se apresenta na forma de versos, tende a ser altamente rítmico, pois o ritmo auxilia na recordação, até mesmo psicologicamente” (SOCIO, 2020, p. 2809).

A conexão entre o modo de vida tradicional da comunidade e a visão dos jovens inseridos no ritmo urbano foi analisada por Léo Daniel da Conceição Silva como uma função do território físico associado aos

afetos:

Tanto os mais velhos quanto os mais jovens apresentam esse espaço como um “canto no mundo”. Esse amor à “casa” é perceptível na voz dos jovens quilombolas quando dedicam suas vidas à comunidade. Os três jovens entrevistados falam que estão cursando determinados cursos para ajudar o quilombo, ajudar a sua casa, levar melhorias de vida para aquele território, assim como todos aqueles que sonham em estruturar e fazer da sua casa um espaço habitacional. Bachelard fala que “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (1993, p. 200) ou seja, a Ilha de São Vicente, portanto, além de ser um espaço geográfico real, é também uma metáfora de “casa”, o lugar identificado como o “primeiro universo” e, mesmo com condições básicas mínimas de infraestrutura, ainda é para todos os remanescentes quilombolas da Ilha o lugar em que se sentem acolhidos, em casa (SILVA, 2020, p. 304).

Nota-se que, ao lado da luta pela preservação de suas tradições e de seu território, os quilombolas anseiam pela integração aos avanços sociais da cultura globalizada. Percebe-se que há um mesmo discurso compartilhado pelos mais velhos e pelos jovens da Ilha de São Vicente, que falam da “importância dos estudos” e do direito ao acesso à educação, porém de formas diferentes. Vê-se que os mais velhos falam de forma não tão explícita. Isso ocorre pelo fato de não terem tido acesso à educação formal e por não conhecerem o processo político do direito ao acesso. Já os jovens quilombolas que estão na universidade dão continuidade ao discurso dos mais velhos, porém, conhecendo a política de acesso e lutam por seus direitos.

Por fim o projeto foi apresentado em vários encontros acadêmicos, como: III Mostra de Ciência e Tecnologia, Câmpus Augustinópolis e Câmpus Araguatins, em outubro de 2019, e ganhou o prêmio de 1º lugar na categoria Talento Científico. Também foi exposto na XIV Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Tocantins, em Novembro de 2019; 1º Encontro de Pesquisadores sobre a Comunidade Remanescente de Quilombo da Ilha de São Vicente no Instituto Federal do Tocantins entre outros eventos acadêmicos. Em 2020 realizou-se oficinas direcionadas a educadores para orientação da utilização do site historiasdailha.com em sala de aula e publicamos dois artigos científicos analisando resultados do projeto. Tais ações contemplaram um dos nossos objetivos: ampliar as atividades universitárias na comunidade externa e acadêmica.

Conclusão

O Quilombo Ilha de São Vicente rompe o estereótipo associado a comunidades formadas por escravizados fugidos à época da escravidão, no Brasil, primeiramente por ter sido constituído sobre um território doado pelo próprio ex-senhor dos fundadores da comunidade e também por apresentar em sua identidade muitas características indígenas. Isso acontece principalmente por conta de sua localização geográfica e pelo seu processo histórico peculiar. A Ilha está localizada em antigo território da etnia indígena Arara, na região do Bico do Papagaio no Tocantins, fazendo fronteira com o estado do Pará, dividido pelo rio Araguaia, integrado à Bacia Amazônica. A configuração étnica associada à geografia dessa região do país é caracterizada por Darcy Ribeiro (1995) no livro “O Povo Brasileiro”, pela nomeação de “Caboclos”, os quais seriam a junção do branco com os indígenas. No entanto, no caso do Quilombo, deu-se a junção do africano com o indígena, mediada pela cultura e pela língua do branco. Durante nosso trabalho de pesquisa ficou evidenciado que o Quilombo Ilha de São Vicente tem um aspecto que o diferencia de outros quilombos ao apresentar não só características africanas, mas também indígenas, nitidamente presentes nas práticas de agricultura, pesca, construção de moradias e em suas lendas e causos, porém mediadas pela Língua Portuguesa e suas respectivas estruturas discursiva e poética.

Com a realização deste projeto, pudemos estabelecer o contato cultural entre símbolos presentes no imaginário das poéticas quilombolas – oriundos da literatura oral, com função de tornar conhecida determinada visão de mundo -, com o universo imaginativo do habitante contemporâneo da cidade, com

vistas à ampliação da visão cultural sobre a identidade plural existente na região do Bico do Papagaio.

Antônio Cândido diz: “Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas, e dramáticas de acordo com seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles” (2011, p.177). Nosso projeto, portanto, colaborou para a preservação e disseminação dessa riqueza que se expressa em literatura popular, genuinamente brasileira e regional, relativamente desconhecida do público em geral devido às circunstâncias limitativas de cunho político e histórico.

Referências bibliográficas

BRASIL, Rosangela Lima. A construção dos remanescentes de quilombos: produções discursivas, pluralidade, homogeneização e invisibilidades em debate. **VIII Jornada Internacional Políticas Públicas**, 2017. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo12/aconstrucaoedosremanescentesdequilombosproducoesdiscursivaspluralidadehomogeneizacaoein.pdf>. Acesso em: 21 nov. de 2020.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo, Global, 2012.

FERRARA, Lucrecia D’Alessio. Do mundo como imagem à imagem do mundo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território, Globalização e Fragmentação**. 4ª Edição. São Paulo: HUCITEC, 1994.

HISTÓRIAS DA ILHA. 2019. Disponível em: <https://www.historiasdailha.com>. Acesso em: 13 de jan. de 2021.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas, Papiрус, 1998.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Léo Daniel. Signos poéticos e políticos no discurso de jovens quilombolas da Ilha de São Vicente no rio Araguaia. **Humanidades e Inovação**, v. 7, p. 302-312, 7 out. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2919>. Acesso em: 21 nov. 2020.

SOCIO, Luama. Poéticas da Ilha de São Vicente no rio Araguaia e a produção da identidade quilombola. **Philologus**, Ano 26, n. 78, Suplemento. p. 2800-2816, dez. 2020. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/>. Acesso em: 13 jan. 2021.20

Recebido em: 15 de janeiro de 2021

Aceito em: 19 de abril de 2021